

Jaime Rocha

# Escola de Náufragos



RELÓGIO D'ÁGUA

# Escola de Náufragos

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Título: Escola de Náufragos  
Autor: Jaime Rocha  
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho e Michelle Dias  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.evasconcelos.com](http://www.evasconcelos.com)) sobre  
pintura de Arnold Böcklin, *Ulysses and Calypso*, 1882

© Relógio D'Água Editores, Março de 2016

Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-599-0

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º: 407440/16



Jaime Rocha

# Escola de Náufragos

Ficção Portuguesa



*Ouço sempre o mesmo ruído de morte  
que devagar rói e persiste...  
(...) Atrás deste assombro  
há outro assombro — e depois  
outro assombro ainda.*

In *Húmus* de Raul Brandão



# 1

Não sei como as árvores conseguem manter-se no mesmo lugar de sempre, recebendo o mesmo vento e as mesmas tempestades, secas pelo sol e humedecidas pelo cacimbo da noite. Tudo num silêncio só alterado pela inquietação dos pássaros. É a visão do real que se reflecte no pensamento de uma criança e indica, desde já, a sua presença neste texto, junto a uma casa, com os vidros partidos. É o seu olhar fixo na água que escorre para o soalho e o seu corpo que integra a própria matéria das paredes, a malignidade que se impregnou nos alicerces.

Essa criança vai gatinhando pelo corredor estreito, entre as pernas dos adultos, e sente os passos deles contra os ouvidos como se fossem disparos de espingarda. A cor dos sapatos bate-lhe nos olhos. Parecem animais a correr num parque. A criança, um rapaz que já se desloca um pouco de pé, tem as pernas feridas de tanto raspar pelas tábuas. Na carne, junto aos joelhos, vêm-se ainda farpas que o chão velho lança para cima, deixando a descoberto um pó escuro e pequenos novelos de algodão enrolados em cabelo. Mais tarde, esses passos aumentam de volume e há gritos e alvoroço por cima da madeira anunciando mais uma tragédia, mais um risco negro na família.

As plantas morrem no meio da geada, estou a vê-las a engelhar nos tufos de ervas que se encontram no outro lado do beco, na pequena berma da curva da estrada alcatroada que existe por cima da rua. A vegetação desce até às casas de rés-do-chão que ocupam



aquele espaço, terminando num pátio sem saída onde o dono guarda os burros, as mulas e a palha, uma ou duas vacas leiteiras e todos os arreios dos animais.

Lá ao fundo, para onde desce a vila, há um grande mar e é sobre ele que cai uma chuva intensa que depois atinge os telhados e transforma as ruas em pequenos riachos. A água vai subindo pelas encostas que protegem a arquitectura dessa vila e desaparece para norte. É do mar que vêm os gritos que caem em cima da criança como uma pedra, como se uma ave belicosa viesse poisar-lhe nas costas e debicasse as bolas de trapo e papel que o tio lhe havia feito para servirem de brinquedo.

Inicia-se aqui uma nova vertigem de luto, com as mulheres num choro violento e os homens a fumarem pelos cantos, um cheiro intenso a velas e a borras de café e um grande lençol que estendem em cima de uma cama como se tudo aquilo não fosse apenas um ritual, mas de novo a maldição a entrar naquela família, uma coisa gravada pelo tempo no promontório que tomba sobre o mar.

*Nesta casa só se fala de morte, diz o pescador velho,  
e mesmo aquele que anda ali pelo chão aos trambolhões agarra-  
do aos trapos tem os dias contados, vai deixar de ser criança cedo.*

Há qualquer coisa de incerto no olhar da criança, uma ausência de claridade como se um besouro voasse à sua volta e lhe turvasse a vista. Está vestido com uma roupa de xadrez, cheia de remendos, e o seu corpo pequeno, enroscado devido ao frio, exala um cheiro a podre, como se tivesse um rato morto dentro do bolso.

Uma mulher vestida de preto senta a criança num canto e põe-lhe um prato de peixe frito em cima do colo. O rapaz vai engolindo a comida com a ajuda das mãos e é dele que vem o único sorriso da casa, um sorriso mordaz, de comprazimento, como se percebesse o que se passa à sua volta, aquela morte que aconteceu, e isso lhe desse uma satisfação invulgar, um desejo de sujidade, um desígnio que os adultos não entendem.

É naqueles momentos, no meio do choro das viúvas e do silêncio dos velhos, que ele se sente dominador. Só a avó sabe que aquela criança tem qualquer coisa de desumano. O destino marcou-a, tal como aconteceu ao tio que um dia se atirou do penhasco para a morte e a deixou numa espécie de purgatório, num lugar onde ela se havia refugiado com a culpa,

*todas as manhãs aquela cantilena,  
(...) minhas lágrimas são flores (...),*

versos lançados para o ar em nome do filho morto, uma quadra surda disparada contra as paredes, sem ouvintes, sem espectadores, a não ser aquele neto que rasteja ainda pelo chão, carregando o peso de uma futura tragédia.

O mal pertence àquela casa e, naquele momento em que chega a notícia de que mais um familiar naufragou, a avó não tem mais ninguém a quem se agarrar senão ao neto, àquela criatura que devora agora o peixe frito como um gato esfomeado.

As galinhas andam pelo beco e entram no pátio sempre que o dono se esquece de fechar o portão. O rapaz desde cedo aprende a lançar pedras contra as árvores, contra os bidões de gasóleo e de água, e rapidamente a criação foge assim que ele põe os pés na rua, saltando por cima do pequeno taipal, junto ao degrau que protege a entrada da casa no inverno.

Sempre que a avó mata uma galinha, chama o neto para perto de si para que ele aprenda como se lhe torce o pescoço. Explica-lhe o movimento das mãos, o modo como se acaricia o peito do bicho e se lhe tapa os olhos, a maneira adocicada como se assobia junto aos ouvidos e se lhe tranca as patas entre os joelhos.

*Eu mato assim as galinhas, não gosto de as ver a correr por aí sem cabeça, feitas tontas. Torço-lhes o pescoço, meto-as na água quente e depeno-as. Vês as tripas? Vão para as outras galinhas, para engordarem, para a seguir as matarmos também.*

A criança agarra nas tripas com orgulho, fixa as mãos cobertas de sangue e corre pelo beco atirando-as ao ar. A criação aproxima-se, sem medo das pedradas, porque também ele se esboja no chão com as galinhas e os patos.